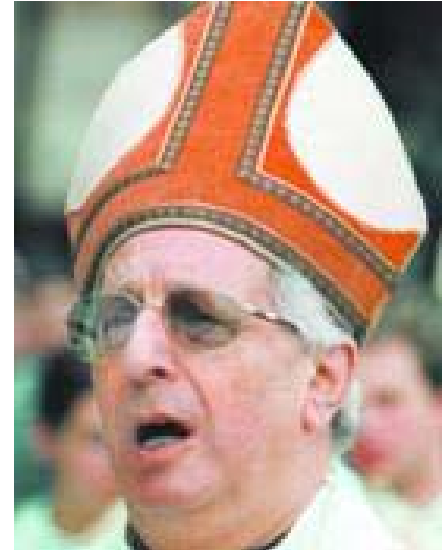




SOCIEDADE

Bispo acusa PS de seguir orientação da Maçonaria

LICÍNIO LIMA
ARQUIVO DN-RUI COUTINHO (imagem)



O bispo emérito da diocese de Aveiro acusa o PS de andar "publicamente de mãos dadas com a Maçonaria", garantindo que o objectivo é "fechar o Homem à dimensão do transcendente, por via da educação e dos meios de comunicação social". Segundo D. António Marcelino, "a Maçonaria portuguesa está a aparecer, de novo, com algum espírito de 'carbonária', eivada de um acirrado laicismo, tendo no horizonte os 'valores republicanos', lidos unilateralmente, e empenhando-se por introduzi-dos como inspiradores das leis que devem reger o povo".

Em artigo escrito para a sua coluna semanal do jornal Correio do Vouga, o prelado mostra-se preocupado com a crescente influência das lojas maçónicas ao nível do Estado, as quais, em seu entender, impõem orientações ao partido socialista.

"Impor é matar e destruir", atesta, frisando que aquele movimento está empenhado em "fechar a Igreja Católica na sacristia, em ignorar os valores cristãos, em fazer tábua rasa de uma cultura milenária e em mudar o sentido das instituições que dão consistência à sociedade".

Se este "laicismo redutor" corresponder ao "programa 'político' actualizado do partido socialista", então da democracia apenas "restará um povo decapitado", sendo o PS uma mera "galeria vistosa, com muita gente alienada e encostada", afirma. Em todo este cenário, sublinha, a Maçonaria assume uma "estratégia táctica de servir e de se servir de um poder sem ideologia". Mas, adverte, "as prioridades num país que empobrece têm de ser outras, se quisermos sobreviver".



Diário de Notícias 28-05-2007

Pós-invernação

"O sol da Primavera é propício para trazer à luz o que as tocas escondem em invernos prolongados", explica o prelado emérito de Aveiro. Isto, para dizer que "o ambiente político se tornou propício e a ocasião convidativa para que a Maçonaria começasse a apresentar os seus projectos para o país". Mas, alerta, "a democracia não é um fim, nem pode servir de meio para que o poder, qualquer que ele seja, se aproveite dos postos de comando para empobrecer e dominar um povo livre".

Evocando a história, D. António Marcelino - bispo titular da diocese de Aveiro entre 1988 e 2006 - entende que o objectivo da obediência maçónica foi sempre o de influenciar o poder, desde a Primeira República.

"O apoio que então deu à Carbonária, motor organizado da queda da Monarquia, e a identificação conseguida com a jovem República, inspirando ou fazendo seus os ditos 'valores republicanos', deram-lhe impulso para dominar", explica, frisando: "Isto permitiu-lhe conduzir o processo do início do novo sistema, minando os órgãos da soberania, desde a Presidência da República ao Parlamento, destruindo o que não dominava e conquistando uma presença efectiva, marcada e visível, nos lugares de influência do Estado."

Mesmo durante o Estado Novo, em que esteve remetida à clandestinidade, a Maçonaria fez acordos "secretos" com o poder. "Até nos tempos de Salazar que, olhando para o lado, cedeu na orientação de serviços públicos conhecidos e cobiçados", atesta o prelado. A seguir ao 25 de Abril, "o novo poder fez-lhe a entrega de bens antes expropriados e pagou-lhe indemnizações". Agora, está de mãos dadas com o PS", conclui.